

DA DESIDENTIFICAÇÃO AO SILENCIAMENTO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE A TRANSEXUALIDADE NO FILME NOBBS, ALBERT

FROM DEDENTIFICATION TO SILENCING: A DISCURSIVE ANALYSIS ABOUT TRANSEXUALITY IN THE FILME NOBBS, ALBERT

Arthur de Araújo FILGUEIRAS¹
Nadia Pereira da Silva Gonçalves de AZEVEDO²

Resumo: o presente artigo tem como objetivos analisar o discurso sobre a transexualidade no filme *Nobbs, Alberte* a constituição da identidade transexual da personagem Nobbs. Para isso, considera as diferentes posições-sujeito ocupadas por ele, a ver sua identificação, contraidentificação ou desidentificação com a formação discursiva em que se inscreve. As análises terão como *corpus* recortes do filme que façam referência a elementos como o corpo, as vestimentas, os acessórios e também o nome social adotado pelo sujeito. Como dispositivo teórico e analítico, será utilizada a Análise de Discurso Francesa, proposta por Michel Pêcheux, considerando conceitos como formação discursiva, silêncio, memória discursiva, interdiscurso e posição-sujeito. Para abordar as questões do corpo enquanto

1 Doutorando em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Linguística e Ensino pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: arthurfilgueiras@yahoo.

2 Professor Adjunto III da Universidade Católica de Pernambuco e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da mesma instituição. E-mail: nadiaazevedo@gmail.com.



discurso e de suas relações com o gênero, as discussões ainda terão ancoragem teórica em Butler (2017). Com as análises discursivas, observou-se como diferentes materialidades discursivas podem produzir efeitos de sentido na (re) significação da identidade de sujeitos transexuais como Nobbs. Além disso, é ponderável que, como consequência à porosidade e fluidez das formações discursivas, a constituição identitária do sujeito como transexual também não pode ser linear e definitiva. Ela é constantemente ressignificada, podendo o sujeito irromper em novas discursividades e, conseqüentemente, em novas identidades.

Palavras-chave: transexualidade; discurso; formação discursiva; posição-sujeito.

Abstract: this article aims to analyze the discourse about trans sexuality in the film *Nobbs, Albert*, and the constitution of the transsexual identity of the character Nobbs. To do so, it considers Nobbs' different subject-positions, to see his identification, counter identification, or disidentification with the discursive formation in which he inscribes himself. The analysis will have as *corpus* snippets of the film that refer to elements such as body, clothes, accessories, and also the social name adopted by the subject. As theoretical and analytical device, the French Discourse Analysis, proposed by Michel Pêcheux, will be used, considering concepts such as discursive formation, silence, discursive memory, interdiscourse, and subject-position. To address the issues of the body as discourse and its relations with gender, the discussions will still have theoretical anchoring in Butler (2017). With the discursive analyzes, it was observed how different discursive materialities could produce effects of sense in the (re) signification of transsexual subjects identity like Nobbs. Moreover, it's significant that, as a consequence of the porosity and fluidity of the discursive formations, the subject identity constitution as a transsexual can't be linear and definitive either. It's continuously re-signified, and the subject can break into new discourse sand, consequently, into new identities.

Keywords: transsexuality; discourse; discursive; formation; subject-position.

Introdução

Nos últimos anos, tem-se vivenciado grandes debates em torno da identidade de gênero e sua relação com a sexualidade na constituição da identidade social dos sujeitos. Outrora resumidos a questões da orientação sexual, esses debates têm



fortalecido a visibilidade de pessoas transexuais, que são aquelas que apresentam uma incompatibilidade entre o sexo anatômico; o gênero (masculino ou feminino) que tentam lhe atribuir, exclusivamente com justificativa em sua genitália; e o gênero com o qual se identificam. Outro ponto relevante diz respeito à sexualidade desses sujeitos, que, diversamente do que é imposto socialmente pelos padrões heteronormativos, uma mulher transexual pode, por exemplo, ter orientação homossexual, relacionando-se sexualmente e afetivamente com outra mulher. Isso é passível de ocorrer, também, com homens transexuais, que, nascidos mulheres biologicamente, identificam-se com o gênero masculino e não, necessariamente, precisam performar sua sexualidade com o gênero oposto.

Com base no exposto, justifica-se a presente escrita a partir da observação da ocorrência de questões como gênero, (trans)sexualidade e as posições sociais ocupadas por sujeitos em uma obra ficcional que se passa no século XIX, ampliando o debate para além do momento atual sobre as vivências dos gêneros. A obra em questão é o filme *Nobbs, Albert* (2012), baseado no conto de George Moore, do qual serão feitos recortes de cenas (a partir de imagens) e de enunciações para compor nosso *corpus* discursivo para análise. A obra foi produzida em 2011 e lançada mundialmente em fevereiro de 2012, na Irlanda, e dirigida por Rodrigo Garcia. Ela retrata a história de uma mulher (protagonizada pela atriz Gleen Close – indicada ao Oscar 2012) que se vê na condição de tomar uma identidade masculina para garantir sua sobrevivência e conseguir um emprego de mordomo em pleno século XIX. De nome feminino desconhecido, ela se constitui como Albert Nobbs, um sério e competente funcionário de um hotel irlandês que passa a encarnar uma identidade masculina como sua própria identidade. Aquilo que seria uma simples farsa para conseguir um emprego se configura como uma nova identidade que já a/o subjetiva há 30 anos.

A reviravolta na história do mordomo acontece quando seu segredo é descoberto por alguém que toma igualmente uma identidade masculina, sendo do gênero feminino – o Sr. Hubert Page (vivido pela atriz Janet McTeer). Diferentemente de Albert, o guardião de seu segredo leva uma vida aparentemente “normal” para os padrões da sociedade heteronormativa então: trabalha como pintor e é casado com uma prendada e bela jovem. Albert, cujo sonho é ter uma tabacaria, enxerga na história de vida de seu novo colega a possibilidade de também desposar uma jovem para lhe auxiliar em seu empreendimento. Essa jovem se materializa na figura de Helen Dawes (interpretada por Mia Wasikowska), por quem ele se apaixona e passa a cortejar após o incentivo do Sr. Page.

Helen, todavia, encontra-se seduzida pelo jovem Joe (interpretado por Aaron Johnson) que lhe promete começar uma nova vida, migrando para a América. Para



isso, ele incentiva a jovem a pedir dinheiro para Albert. O inesperado acontece quando a jovem, então grávida, é rejeitada por Joe, culminando em uma briga trágica que resulta na morte de Nobbs, ao tentar defendê-la.

À luz do acima exposto, o artigo tem como objetivo geral analisar o discurso da/sobre a transexualidade no filme *Nobbs, Albert*. Como objetivo secundário, busca analisar a constituição da identidade transexual do personagem Albert Nobbs em um cenário social e cultural nada favorável para mulheres que não eram casadas. Para isso, considera as diferentes posição-sujeito discursivas por Albert no decorrer do longa-metragem, a ver sua identificação, contraidentificação e/ou desidentificação com a formação discursiva (FD) em que se inscreve, que domina o seu interdiscurso e se materializa no seu intradiscurso. Como parte desse processo de des/contra/identificação e trânsito das FDs, a constituição da identidade do sujeito transexual Albert Nobbs é perpassada por uma pluralidade de sentidos que é produzida na discursivização do corpo, das vestimentas e acessórios e na constituição de seu nome social. Nas análises, cada um desses elementos será tomado em conjunto com as enunciações dos personagens principais no longa-metragem, considerando as formações discursivas em que se inscrevem, as diferentes posição-sujeito em que ocorrem as enunciações e as condições de produção do discurso que podem enunciar a transexualidade.

Nos processos de (des)identificação e/ou contraidentificação do sujeito transexual com a FD que o domina, será analisado o corpo, por ser ele portador de discursividade, como afirma Orlandi (2004), e sua relação com o gênero, descrito por Butler (2017) como uma fabricação que nele se inscreve. Também serão consideradas as reflexões em torno de objetos, roupas e hábitos ditos como masculinos por se inscreverem como lugares de memória, tal como nos assegura Indursky (2011). Quanto ao nome do personagem (**Albert Nobbs**), sua análise é fundamental para a constituição da identidade do sujeito transexual, visto que é marcada pelo silenciamento e pelo esquecimento do nome que lhe fora dado em seu nascimento.

A análise discursiva terá seu *corpus* constituído a partir de recortes do longa-metragem, baseando-se na Análise de Discurso Francesa (doravante AD) como dispositivo teórico-analítico, e será segmentada em quatro partes. Em cada uma das partes, serão analisados os movimentos das FDs em seu processo de identificação, contraidentificação e/ou desidentificação com a FD dominante a ver a posição-sujeito ocupada pelos sujeitos nas tramas discursivas. A primeira tomará por base as cenas e enunciações em que a posição-sujeito do Albert Nobbs é marcada por objetos e vestimentas, que funcionam como lugares de memória no movimento das FDs e que constituem/performam sua identidade. A segunda cuidará da análise de imagens e de enunciações em que ocorre o trânsito das FDs a partir do



olhar sobre o corpo do sujeito em questão como elemento discursivo e sua relação com o gênero, considerando ainda os estudos de Butler (2017), que relacionam esses dois elementos. A terceira contemplará as análises das cenas em que há uma desidentificação do sujeito Albert com a formação discursiva em que um dia esteve inscrito como mulher a partir de questionamentos sobre o seu nome de batismo. Eventualmente, essa desidentificação pode marcar sua inscrição em uma nova FD, momento em que também se analisará o silenciamento que atravessa essas FDs na constituição do nome social **Albert Nobbs** e a construção de sua identidade como transexual. A última parte cuidará do desfecho do personagem e do que seria o fim do trânsito das FDs, que é consequência de sua morte.

Em meio a tantas posições-sujeito ocupadas por Albert, serão elencadas as mais relevantes, que serão ilustradas a partir de imagens do filme durante grande parte das análises. A cada imagem, serão apresentados, por correspondência, a posição-sujeito e o processo de contra/des/identificação com a FD dominante (masculina ou feminina) em que se inscreve o mordomo e que serão dispostos em um quadro-resumo, na última seção do artigo, a fim de melhor elucidação do fenômeno discursivo que será adiante analisado.

AD como dispositivo teórico-analítico

A Análise de Discurso Francesa surge em meio à efervescência política do maio de 1968 na França, o que a marca profundamente com estudos iniciais no campo político. Fundada por Michel Pêcheux, a nascente teoria tem na obra *Análise Automática do Discurso* (1969) seu marco inicial, apresentando-se como uma proposta ousada em meio ao auge do estruturalismo linguístico.

Ao recolocar o sujeito, até então anulado/estabilizado pelos estruturalistas, no centro das discussões teóricas em torno dos enunciados, Pêcheux, segundo Orlandi (2016), desenvolve a noção de discurso como efeito de sentidos entre interlocutores, o que é consequência de ter alicerçado a nascente teoria na tríade Marx-Lacan-Saussure.

De Marx (numa releitura de Althusser), Pêcheux toma a noção de ideologia a partir do Materialismo Histórico; a partir de Jacques Lacan, funda as bases para a compreensão do sujeito (numa releitura da Psicanálise de Sigmund Freud); e, do Estruturalismo linguístico, ancorado em Ferdinand de Saussure, adota a noção de língua como sistema que se inscreve entre a fundamentação teórica de Lacan e a de Althusser. Essa tríade proposta por Pêcheux, constitui a essência “para a



compreensão de sujeito dividido, da noção de língua como sujeita a falhas, de discurso como efeito de sentidos e da noção de real como o impossível de tudo dizer” (MARIANI; MAGALHAES, 2013: 100).

Além desse imbricamento teórico, A AD recebe ainda as influências dos trabalhos de Michel Foucault. É, pois, da obra *A Arqueologia do Saber*, primeiramente publicada em 1969, que é tomada e reformulada a noção hoje conhecida como **formação discursiva**, além do conceito de **prática discursiva**, bastante utilizado nos estudos do discurso.

Como teoria de entremeio, cabe destacar o que Orlandi (2016: 28) descreve como a polissemia em sua relação com a interdiscursividade: um movimento de fluidez em que não existem fronteiras que delimitam as três áreas de conhecimento acima destacadas, tendo o interdiscurso como motor de seu funcionamento e a inscrição em formações discursivas como o local em que ocorrem as (des)filiações a determinados sentidos, em um estado de pluralidade, suspensão e movimento.

Não obstante o cenário de fundação da AD, por ser uma teoria de entremeio, a consequência é a não delimitação de fronteiras em seus objetos de estudo, migrando para diferentes materialidades discursivas, como os estudos na música, na religião, nas artes e, em nosso caso, na identidade de gênero e sexualidade humana, considerando o processo de subjetivação do indivíduo ao se colocar na posição-sujeito transexual. Nessas condições, alguns conceitos serão cruciais nas análises, a começar do último termo posto. Pêcheux ([1988] 2014) descreve a posição-sujeito como a posição social que o indivíduo ocupa na sociedade. Essa posição legitima seu dizer a ver a formação discursiva em que ele está inscrito.

Como já fora afirmado, é à luz do que fora enunciado por Foucault (2000) que Pêcheux ([1988] 2014: 147) faz uma releitura da noção de formação discursiva e a reformula com a seguinte conceituação:

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de lutas de classes, determina o *que pode e dever ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.).

É a partir dessa noção de FD que será considerado o sujeito do discurso como fruto de um processo de interpelação do indivíduo, por formações discursivas — na linguagem —, às formações ideológicas correspondentes. Como fruto dessa interpelação, de acordo com Pêcheux ([1988] 2014), ocorre a identificação do sujeito com uma FD, aqui tomada como a dominante, ou ainda o movimento de contraidentificação ou de desidentificação com essa FD, perfazendo um total de três modalidades. A primeira



representa o sujeito que está identificado com uma FD. É o **bom sujeito**, assujeitado e ligado ao inconsciente. Logo, é representado por Pêcheux como **Sujeito** e tem seu processo de identificação à FD dominante de forma livre ou ainda de forma cega/assujeitada inconscientemente através do interdiscurso. Já a segunda representa o sujeito contraidentificado a uma FD. Ele permanece na mesma FD, todavia, afasta-se dela e passa a questioná-la, o que é característico dos efeitos do discurso-contra ou ainda chamado de contradiscurso, como afirma o supracitado autor.

Além das duas modalidades apresentadas, Pêcheux ([1988] 2014) ainda descreve uma terceira modalidade. Nela ocorre uma tomada de posição não-subjetiva como consequência da desidentificação do sujeito do discurso com a FD dominante em que está inscrito e com a qual já se contrapõe no processo de contraidentificação. Apesar dessa tomada de posição, ele salienta que não há uma anulação da forma-sujeito (FD dominante) através de sua fragmentação ou ruptura, já que o indivíduo continua a ser interpelado em sujeito através da ideologia. Ela tem um papel determinante nessa mudança da forma-sujeito, o que é também justificável pela razão de serem as formações discursivas governadas pelo complexo de formações ideológicas e, através de um funcionamento **às avessas**, faz com que o sujeito abandone sua antiga FD e se inscreva em uma nova. É o que Pêcheux ([1988] 2014: 248), nomeia como **não-sujeitos** ao afirmar que o “trabalho desidentificador da ideologia [...] se desenvolve [...] através de novas identificações em que a interpretação funciona às avessas”.

É a partir dessas três modalidades que será analisado o processo de subjetivação do sujeito Albert Nobbs em um fluxo de FDs que o caracteriza ao longo do filme. Há momentos de contraidentificação ou ainda de desidentificação com uma FD feminina, o que vem lhe constituindo/subjetivando como um homem transexual a ver as condições de produção do discurso no longa-metragem e as diferentes tomadas de posição-sujeito. Para Pêcheux, essas tomadas de posição-sujeito correspondem às diferentes posições sociais que os indivíduos podem ocupar na sociedade. Elas são, ainda, fruto do funcionamento da interpelação ideológica contra si mesma em um “processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos (reapresentação da necessidade real na necessidade pensada)” (PÊCHEUX, [1988] 2014: 247).

Vale destacar que o movimento das FDs não pode ser tomado de forma unilateral, homogênea ou ainda definitiva, pois o sujeito é continuamente interpelado pela ideologia, que pode o levar, posteriormente, a se identificar a uma nova FD, como nos assegura Orlandi (2015: 42) a respeito do seu funcionamento: “elas são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações”.

A seu turno, é através do interdiscurso (também chamado de memória discursiva para Pêcheux) que será veiculada a FD dominante, responsável por caracterizar a dominação da forma-sujeito do discurso:

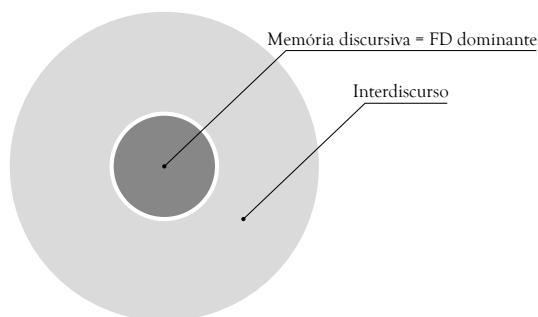
[...] propomos chamar interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que [...] caracteriza o complexo das formações ideológicas (PÊCHEUX, [1988] 2014: 149).

Convém destacar, ainda, a prevalência do interdiscurso sobre o intradiscurso. Para o supracitado autor, é no intradiscurso que se materializa o interdiscurso, assegurando uma falsa ilusão de autonomia do sujeito falante sobre seu dizer. Já no que se refere à memória discursiva, em sua relação com o interdiscurso, Indursky (2011) afirma que ambos fazem parte da memória social, todavia, não podem ser tomados como sinônimos, haja vista suas diferenças. É sobre o conceito a seguir que serão apoiadas as análises quando se fizer referência à memória discursiva:

[a] memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao pode ser dito em uma FD e, por essa razão, é *esburacada, lacunar*. Já o *interdiscurso* abarca a *memória discursiva referente ao complexo de todas as FD*. Ou seja, a memória que o interdiscurso compreende é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte, *saturada* (INDURSKY, 2011: 88).

Dessa forma, a memória discursiva refere-se à própria FD dominante, já que está sob a égide de uma FD dominante no complexo das formações discursivas. No esquema a seguir, pode-se observar uma representação imagética com fins de facilitar o entendimento das relações entre memória discursiva, interdiscurso e FD a partir do proposto por Indursky. Na sequência, seguem as análises discursivas *docorpus* no longa-metragem, a começar da revisitação aos lugares de memória que marcam a subjetivação do sujeito Albert Nobbs.

Esquema 1: Representação imagética das relações entre interdiscurso, memória discursiva e formação discursiva com base no disposto por Indursky (2011).



Fonte: elaboração própria.

Revisitando lugares de memória na subjetivação de Albert Nobbs

Como descrito anteriormente, Albert Nobbs é um dedicado empregado de um hotel irlandês, responsável por servir os hóspedes e cuidar de sua boa estadia. De tipo físico magro, ele utiliza os cabelos curtos e nutre o sonho de abrir uma tabacaria. Possui uma profissão notadamente masculina para seu tempo e postura impecável em nível até superior aos demais funcionários do sexo masculino do hotel (Imagem 1). Além de Albert, o Sr. Page, com o qual Albert divide o quarto e suas confidências, também se apresenta em uma mesma posição-sujeito (PS) (Imagem 2 - Posição-sujeito 1 - homem trabalhador) – empregado do hotel – com a atividade de pintor, até então voltada para profissionais do sexo masculino.

Imagem 1: Albert Nobbs.



Fonte: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/02/estreia-em-albert-nobbs-glenn-close-assume-papel-masculino.html>>.

Imagem 2: Albert Nobbs e Sr. Page – PS1 – Homem trabalhador.



Fonte: <<https://www.juksy.com/archives/82428?atl=1>>.

Com cabelos igualmente curtos, roupas longas e folgadas para esconder os seios femininos (Imagem 2), o Sr. Page também apresenta postura e fala bastante características dos homens daquele tempo, o que também é evidenciado no modo como posiciona o cigarro na boca (Imagem 3), exercendo também uma profissão reservada a pessoas do sexo masculino. Em posterior conversa, Albert também se refere a ele como “um homem de apostas” em corridas de cavalo, outro papel social também reservado a homens.

Imagem 3: Sr. Page com um cigarro na boca.



Fonte: <<http://diariwcinefilo.blogspot.com/2012/01/>>.

Logo, todas essas características podem ser tomadas como lugares de memória: roupas, acessórios, trejeitos e posições sociais que marcam o fluxo das formações discursivas no processo de subjetivação do indivíduo, no movimento de (des)identificação ou de contraidentificação a uma FD na constituição da identidade masculina das personagens em questão. No caso de Albert, os objetos mais recorrentes e que ganham bastante destaque são o chapéu e o relógio. Eles englobam redes de memória na constituição da identidade masculina, ecoando discursos cristalizados sobre objetos que parecem só fazer sentido se forem utilizados por indivíduos de identidade não feminina.

A noção de lugar de memória apresentada por Indursky (2011) é uma retomada dos estudos de Pierre Nora (1984), que o conceitua a partir das relações entre o histórico, o cultural e o simbólico, que aqui será tomado como a cultura e as relações sociais no século XIX, em que se inscreviam e marcavam, mediante a linguagem, as posições a serem ocupadas por homens e mulheres na sociedade de então.

Por ser da ordem da repetição, a memória, para a supracitada autora, ainda traz como consequência a cristalização dos sentidos, como se pode observar quando um hóspede médico afirma que “uma tabacaria combina com um homem”, ao concordar com o desejo nutrido por Albert de abrir uma tabacaria. Isso remete, como efeito de sentido, a um lugar de memória referente a uma FD masculina. Via memória discursiva, o interdiscurso do médico que se encontra hospedado no hotel concorda com a afirmação de Albert sobre ser um excelente negócio para ser administrado por homens e que terá também um público igualmente masculino.

Com ancoragem em Sargentini (2011: 91), esses lugares de memória serão ainda considerados como “os lugares materiais que abrigam a memória” e, por serem dar ordem do social, (re)afirmam as posições-sujeito a serem ocupadas por homens e mulheres naquela época, o que subjetiva a figura de Albert, no simbólico, a se portar com trejeitos tipicamente masculinos e a compor redes de memória com a utilização de objetivos também caracterizados como masculinos. Tanto seu comportamento quanto os objetos marcam sua inscrição em uma FD de identidade masculina.

Já em uma cena posterior, em que ele e o Sr. Page vestem roupas femininas e saem para um passeio, a ver suas inscrições em FDs masculinas, a discursividade nos trajes e nos corpos que os sustentam causa efeitos de sentido que remetem à materialização de dois homens vestidos de mulher (Imagem 04 - PS2 - homens vestindo roupas femininas). Logo, observa-se a produção de efeitos de sentido que podem remeter a uma desidentificação de ambos com a FD feminina (marcada por roupas e acessórios femininos), visto que ambos se sentem visivelmente desconfortáveis vestindo os trajes, inclusive, mostrando dificuldades na postura para caminhar com eles. É ainda uma desidentificação que reforça o que já foi posto sobre a FD dominante ser tomada como a própria memória discursiva, pois essas roupas e acessórios fazem parte de uma rede de memórias cuja FD de filiação seria a de identificação com uma identidade feminina. Já para uma filiação dos sujeitos em questão a uma FD com a qual haja identificação com a identidade masculina, seria necessária a interface de tal FD com uma rede de memórias que englobasse a utilização de objetos do universo masculino.

Imagem 4: Nobbs e Sr. Page. PS2 - Homens vestindo roupas femininas.



Fonte: <<https://mondomoda.com.br/2012/04/07/albert-nobbs-emocao-contida/>>.



Mais adiante, ocorre a cena em que Nobbs, vestido de mulher, corre na praia com os braços abertos, passando uma sensação de liberdade. Essa cena pode produzir, como efeito de sentido, uma corrida do mordomo em direção à liberdade do disfarce masculino, sentindo-se feliz, mesmo que momentaneamente, por poder usar roupas culturalmente estabelecidas para mulheres novamente. Outro efeito de sentido pode ser uma eventual nostalgia de momentos em que a mulher que fora no passado ressurgiu através do simples ato de usar um vestido. Em tais condições, acredita-se na ocorrência de um movimento de contraidentificação de Albert com a FD em que se encontra inscrito: há um breve instante em que ele parece questionar e entrar em conflito com a figura masculina que o subjetiva há tantos anos. Todavia, o traje feminino parece não significar nada além de uma lembrança de uma pessoa que deixou de existir para dar vida a outra, com uma nova identidade de gênero.

Uma análise superficial da obra pode levar a conclusões também simplórias sobre a real identidade de Albert: seria ele apenas um disfarce para garantir um emprego e sobrevivência de uma mulher? Longe disso, a presente análise discursiva seguirá mostrando que o simples disfarce deu início a uma complexa construção de uma nova identidade, em um processo de subjetivação que ocorre em meio a elementos sociais e culturais, a ver sua posição-sujeito em cada momento da trama. A cena que se segue à corrida na praia ratifica esse processo de construção identitária. Já sem os trajes femininos, o Sr. Page afirma o seguinte para Albert, supondo que ele possa ter se identificado novamente com a identidade feminina:

Sequência discursiva

(SD): “Albert, você não tem que ser nada, a não ser quem você é”.

Ao se olhar no espelho e verificar sua aparência, ele decide continuar como Albert, o que permite inferir a prevalência da forma-sujeito masculina na significação de sua identidade. Isso também é constatado com sua decisão de pedir a Helen em casamento, falando-lhe sobre o desejo de construir um futuro juntos. Ele, então, se coloca para a “posição-sujeito” de marido, assumindo ainda a responsabilidade de cuidar do futuro filho gerado de forma inesperada, em um envolvimento amoroso que a jovem teve com o rapaz que a abandona:

SD: “Eu cuidarei de você e do bebê”

É na posição-sujeito homem trabalhador que Albert nutre outro sonho além daquele de ser proprietário de uma tabacaria: o de se casar com a jovem Helen e tê-la como auxiliar em seu estabelecimento. Isso é fomentado a partir do momento em que o mordomo adentra a rotina do Sr. Page e de sua esposa.



Ele fica bastante surpreso ao perceber que seria possível prolongar a existência do **mordomo Nobbs** para uma vida conjugal e desposar uma jovem delicada como a Helen, mesmo sendo biologicamente uma mulher. A esposa do Sr. Page apresenta uma postura bastante feminina, é bem vestida, cuidada, delicada e dedicada somente aos afazeres do lar (Imagem 05 – PS3 – marido dedicado à família). Logo, o lar do Sr. Page apresenta um conjunto de características que constituem uma rede de memória e remetem a um lugar de memória. Essa rede e lugar são responsáveis por reverberar efeitos de sentido sobre a padronização de uma família tradicional, que passa a ser o desejo maior de Albert.

Imagem 5: Sr. Page e sua esposa. PS3 – marido dedicado à família.



Fonte: <<https://www.revistaforum.com.br/albert-nobbs/>>.

É então chegado o momento de Albert desejar ocupar uma nova posição-sujeito (PS3) – a de marido que trabalha para prover o sustento e o cuidado de sua família. Ao ver a esposa do Sr. Page, no que aqui será chamado de posição-sujeito dona de casa, via memória discursiva, observa-se que ecoam efeitos de sentido de uma expectativa do mordomo poder se inserir em uma relação heteronormativa em pleno século XIX. O disfarce para a sociedade, promovido pelo então Sr. Page, ainda mostra a realidade de uma cultura machista em que ele, ainda como mulher, precisou se disfarçar de homem e assumir a posição de pintor, outrora ocupada por seu antigo marido e agressor, pois, como mulher, ninguém iria contratá-la para um trabalho até então reservado para homens.

As condições de produção do discurso em torno do casal Page ecoam ainda efeitos de sentido que produzem em Albert uma identificação da FD em que está inscrito com a FD em que está inscrito o casal (ele é pintor, ela é prendada na costura e nos afazeres da casa, cuidando de seu esposo), levando-o a

convidar a Helen para passeios em que a corteja com presentes (Imagem 6 – PS4 – homem cortejando a jovem). No desejo que alimenta de tê-la como esposa e auxiliar na tabacaria, ao passar pelo estabelecimento desejado para seu negócio, ele afirma “a sala da minha mulher”, olhando para o interior do recinto. Nesse momento, Albert tem a FD em que se encontra inscrito identificada com uma FD masculina e, também, marca a posição-sujeito do homem que corteja uma dama e que almeja construir uma vida ao seu lado.

Imagem 6: Helen e Nobbs em passeio. PS4 – Homem cortejando a jovem.



Fonte:<<https://www.pghcitypaper.com/pittsburgh/albert-nobbs/Content?oid=1483292>>.

O corpo como forma de (res) significação de uma identidade

Para esconder as curvas aparentes de um corpo feminino e os seios, Albert usa uma larga cinta e faixas para compor o seu disfarce. O inesperado acontece quando ele sente um incômodo nos seios causado por uma pulga e acaba por exibi-los ao Sr. Page quando estavam no quarto repousando. Em demonstração de grande desespero, ele afirma que tal disfarce é a garantia de seu sustento: “não pare uma pobre mulher de ganhar a vida”; “não quero acabar num asilo de idosos”. Com essas enunciações, observa-se a tomada de posição do sujeito mulher no discurso, que ainda se coloca como pobre e vulnerável, sendo essa sua única condição de sobrevivência.

Durante adescoberta, **Albert** desponta como uma fantasia que pode se prolongar por toda uma vida, com uma aparente finalidade de garantir um posto de trabalho. A ver tais condições de produção do discurso, no momento da revelação de seu sexo biológico pelo Sr. Page, é possível observar que se trata de uma aparente contraidentificação da FD em que se inscreve o sujeito **Albert** com a identidade masculina, por se tratar apenas de uma eventual necessidade de trabalho. Além disso, verifica-se também, nesse dizer de Albert, o silenciamento de um não-dizer, que, para Orlandi (2015), também significa, já que, ao dizer X, o sujeito silencia Y, e o faz na tomada de uma posição-sujeito que legitima esse dizer e produz efeitos de sentido através do deslizamento do que fora dito. Logo, ao afirmar ser uma pobre mulher, o não-dito silenciado significa, via memória discursiva, a vivência de um abuso sexual por cinco homens quando tinha apenas 14 anos, além da condição de vulnerabilidade a que se expunham as mulheres sem marido naquele contexto. Logo, a negação da identidade e do corpo feminino é, nesse momento, uma estratégia de proteção contra a violência e preconceito sofrido por mulheres desamparadas naquela sociedade. Outro possível deslizamento de sentidos é observado em uma momentânea censura da identidade masculina, ao se negar como um homem transexual. Todavia, no viés do inconsciente, a identidade de gênero masculina já atravessa a forma-sujeito do mordomo, como já discutido a partir das posições-sujeitos em que se apresenta, além da observação do trânsito das FDs que, eventualmente, afirmam sua posição social como um homem trans.

O corpo do sujeito que desponta como **Albert** é portador de discursividade, “o lugar material onde ocorre a significação”, como afirma Orlandi (2004: 123), trabalhando ora na identificação ora na contra/desidentificação, que (res)significa sua identidade, a qualse encontra em um trânsito de uma mulher fantasiada (de mordomo) a um homem que se descobre/constitui como transexual, impulsionado, inicialmente, pelas necessidades de trabalho e pelo Estado opressor com suas instituições. A esse respeito, Orlandi (2016), ao retomar Karl Marx, trata da alienação do indivíduo ao vender sua força de trabalho no modelo de Estado Capitalista, passando por um processo de autonegação ao produzir um bem material externo a si mesmo e regulado pela classe burguesa. O indivíduo torna-se estranho a si mesmo, aos demais e ao ambiente em que vive.

É, pois, o próprio Estado que trabalha no processo de individuação do sujeito **Albert Nobbs**, a partir de suas instituições e discursos legitimados nas relações sociais. Como consequência, ele se significa como um homem, através do seu corpo, para se proteger de agressões em um ambiente machista e, também, para garantir um emprego. Seguem as sequências discursivas:

SD: “Albert, meu caro. Por que não está fantasiado?”

SD: “Eu, senhor. Bem... Senhor. Eu sou um garçom”.

SD: “E eu sou médico. Estamos ambos fantasiados de nós mesmos”.

Via interdiscurso, a produção de efeitos de sentido, nas sequências acima, muda de acordo com a FD em que estão inscritos os sujeitos envolvidos na interlocução: para o hóspede (Imagem 7), o sentido produzido pode ser o de estar fantasiado de médico, já que essa é sua posição-sujeito naquele ambiente. Para Albert, pode-se constatar um deslizamento do sentido que é desconhecido para o médico, o de que está fantasiado de homem, já que se encontra ocupando a posição-sujeito **homem trabalhador**, inscrito em uma FD com a qual normalmente se identifica. Logo, estar fantasiado, para o hóspede médico, significa apenas uma questão de não ter vestido um traje diferente para a festa no hotel; para Albert, o sentido é de performar um gênero por atuação e repetição de elementos da cultura masculina, como será visto mais adiante com ancoragem em Butler (2017).

Imagem 7: Albert Nobbs em conversa com o médico hóspede do hotel.



Fonte: <<https://www.premiumbeat.com/blog/interview-producer-bonnie-curtis/glenn-close-in-una-scena-di-albert-nobbs-insieme-a-brendan-gleeson-229001/>>.

O fenômeno discursivo anterior é possibilitado pelo mecanismo de funcionamento do interdiscurso, ligado a uma zona de esquecimento denominada por Pêcheux ([1988] 2014) de número 1, já que, ao falar que ambos se encontram fantasiados, o hóspede médico acredita na univalência de sentido de seu dizer, o qual é, todavia, ressignificado, em meio à pluralidade discursiva, para um novo

sentido, quando é considerada a FD em que se inscreve Albert. A esse respeito, Pêcheux (2015: 53) afirma que “um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”.

Ainda sobre o corpo, acredita-se que ele corresponda a um espaço de inscrição discursiva que poderá, ou não, simular as identidades padrões de gênero (homens e mulheres cisgêneros). Utiliza-se aqui o termo **simular** com ancoragem teórica em Judith Butler, que trata dos gêneros como uma ficção performativa. Logo, identidades como a do mordomo Albert Nobbs podem se ressignificadas a partir das FDs em que se encontram inscritos os sujeitos.

Para Butler (2017), é no corpo que se inscrevem os gêneros. Eles correspondem a uma fabricação, uma fantasia “instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos” (BUTLER, 2017: 236). Logo, eles não “podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeito de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável” (BUTLER, 2017: 236). Nessa lógica, se os corpos servem como suporte para uma inscrição ficcional, uma superfície que reflete esse tenso aparelho de reprodução de padrões políticos e culturais impostos, eles também se tornam fronteiras movediças suscetíveis a outras ideologias que não apenas a dominante. É, pois, no novo corpo de Albert que há uma censura sobre seu corpo originalmente feminino, a partir da utilização de espartilhos e uma faixa sobre os seios, o que produz efeitos de verdade sobre a posição-sujeito mordomo e de homem cortejador que deseja construir uma família. É nessas condições que Butler (2017: 244) afirma que corpos em trânsito, como o do mordomo, “podem se tornar completa e radicalmente incríveis” quando irrompem em novas discursividades. Como consequência, há a produção de efeitos de resistência às imposições binárias que vinculam o gênero aos órgãos sexuais de nascimento do indivíduo. A esse respeito, a autora faz a seguinte crítica:

[t]odo discurso que estabelece as fronteiras do corpo serve ao propósito de instaurar e naturalizar certos tabus concernentes aos limites (*do socialmente hegemônico*), posturas e formas de troca apropriados, que definem e constituem o corpo. (BUTLER, 2017: 226).

Consequentemente, o que se conhece como **corpo**, aparentemente estável, é fruto das relações de embate entre as normas reguladoras do padrão heteronormativo e as forças de resistência, que são de ordem subjetiva e ideológica e denunciam as tentativas de extermínio de corpos que fujam dos padrões binários. O corpo de Albert, ao performar uma identidade de gênero masculina, representa, pois, uma resistência à negação da sociedade sobre sua suposta transexualidade.



Uma eventual denúncia de que ele possui sexo biológico feminino poderia lhe trazer, como consequência mais imediata, a perda de seu emprego ou ainda tentativas de anular sua existência, como já fora descrito a partir de sua fala na sequência discursiva “não pare uma pobre mulher de ganhar a vida”; “não quero acabar num asilo de idosos”.

Ainda a despeito das relações entre corpo e gênero, Butler (2017) afirma que a identificação dos sujeitos com os gêneros se materializa em atos, gestos e atuações. Logo, os gêneros são performativos e agem sobre a superfície dos corpos mediante um regime de repetição: simulam-se padrões de masculinidade e de feminilidade, que, de tanto que são repetidos em nossa cultura ao longo dos séculos, passam a ser aceitos como os coerentes e normais. É a produção desse efeito desentido que se observa na sequência discursiva quando o hóspede médico afirma para o mordomo “estamos ambos fantasiados de nós mesmos”, naturalizando vestimentas, gestos e posturas masculinas através de um exaustivo processo de repetição.

O silenciamento e a desidentificação com a FD de identidade feminina

Analisa-se agora o processo de inscrição do sujeito Albert na FD masculina no que tange a sua identificação enquanto pertencente ao gênero masculino, através da escolha de seu nome social e de sua designação de gênero ao se posicionar no masculino quando fala.

Após o Sr. Page descobrir que Albert é, biologicamente, uma mulher, ele lhe pergunta o seu verdadeiro nome e tem a seguinte resposta: “Albert”. Ao ser novamente interrogado sobre seu nome real, enquanto mulher, ele silencia e depois responde de forma repetida: “Albert”.

Essa repetição incisiva do nome Albert apresenta, como efeito de sentido, o fato de que não há outra pessoa além de **Albert** em sua identidade. O nome que lhe fora dado em seu nascimento encontra-se apagado de sua memória discursiva: efeito característico do discurso, já que por ser da ordem da repetição, ele funciona afetado pelo esquecimento, aqui tomado como o de número 2, da ordem do intradiscurso, tal como descrito por Pêcheux ([1988] 2014), pois, ao repetir que seu nome é Albert, ele acredita estar na origem do seu dizer. Sobre o fato de ser da ordem da repetibilidade, Indursky (2011: 71) afirma o seguinte:



[...] a repetição pode levar a um deslizamento, a uma ressignificação, a uma quebra do regime de regularização dos sentidos. Isto se dá porque o sujeito do discurso pode contra-identificar-se com algum sentido regularizado ou até mesmo desidentificar-se de algum saber e identificar-se com outro.

Como efeito da repetição, o nome Albert traz, via memória discursiva, o efeito de sentido de prevalência e de dominância da FD com a qual tem identificação com o gênero masculino. E não se trata apenas de uma simples repetição de um nome ao ser questionado sobre uma identidade feminina, mas sim da produção de um efeito de sentido de afirmação enfática sobre sua nova identidade – a partir da desidentificação com a FD que ainda o considera como pertencente ao gênero feminino.

Pode-se ainda fazer menção ao silêncio que atravessa a resposta de Albert para preservar o seu segredo de mais de 30 anos. Ao ser questionado sobre seu verdadeiro nome, há um silêncio entre a primeira resposta (“Albert”) e a segunda, quando repete enfaticamente o seu nome masculino, de modo que o não-dito também significa através desse silenciamento; como afirma Orlandi (2015: 81), é o “lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido”. E, como silêncio local a ver as condições de produção desse discurso de Albert, observa-se a censura que lhe é imposta a partir das relações de poder que circunscrevem a sociedade de sua época, fazendo [...] “com que o sujeito não diga o que poderia dizer” (ORLANDI, 2015: 81).

Na cena em que afirma estar “uma hora atrasado”, Albert estava sozinho em seu quarto, não havendo motivos para se referir a si mesmo no masculino, o que leva à observação do funcionamento do interdiscurso, materializado no intradiscurso, de um atravessamento do sujeito pela ideologia, que passa a ter o seguinte funcionamento:

[a] ideologia [...] enquanto processo de interpretação dos indivíduos em sujeitos – não desaparece; ao contrário, funciona de certo modo *às avessas*, isto é, *sobre e contra si mesma*, através do “desarranjo-rearranjo” do complexo das formações ideológicas (e das formações discursivas que se encontram intrincadas nesse complexo) (PÊCHEUX, [1988] 2014: 202).

No viés do inconsciente, esse funcionamento é caracterizado como o esquecimento de número, 1, por Albert acreditar que, ao se colocar como enunciador no gênero masculino, poderia configurar, com isso, um artifício de proteção e de preservação de uma falsa identidade, mas, dadas as condições de produção do discurso (sozinho em seu quarto, sem nenhum outro interlocutor), ele parte da contraidentificação à desidentificação com uma FD dominante (feminina) pelo funcionamento da ideologia, anteriormente descrito como *às avessas*.



Esse mecanismo de funcionamento do discurso remete ao que Indursky (2011: 71) afirma sobre o fato de que “[...] o fechamento das FDs não é rígido e suas fronteiras são porosas, permitindo migração de saberes”. Tal afirmação ainda pode ratificar a convergência das análises, no presente artigo, para o fato de que o fenômeno discursivo, em torno do discurso do sujeito Albert Nobbs, trata-se da construção de uma identidade (de gênero) transexual em detrimento de um simples disfarce em trajes masculinos.

Considerando o fato de que a narrativa do filme concentra-se em explorar a realidade de uma mulher que teve que se travestir de homem para garantir sua sobrevivência, apenas uma análise discursiva, como a em que se atem esta discussão, é capaz de trazer os efeitos de sentido que são frutos de marcas no dizer de um sujeito e que deslizam para além dos sentidos tomados como **evidentes**, logo, para outras matrizes de sentido. A esse respeito, Indursky (2011: 71) assegura que,

[se] tais deslizamentos são da ordem do discurso, já não é mais suficiente pretender encontrar o sentido comportadamente circunscrito ao interior de uma *matriz de sentido*. Faz-se necessário perceber que os sentidos, [...] podem atravessar as fronteiras das FD onde se encontram, e deslizam para outra FD onde se encontram, inscrevendo-se, por conseguinte, em outra matriz de sentido.

Trata-se, pois, do próprio funcionamento às avessas da ideologia descrito anteriormente como parte da produção de Pêcheux a respeito da desidentificação do sujeito com a FD em que se encontra inscrito. É nessa desidentificação que ocorre a migração dos sentidos para outras matrizes de sentido, produzindo novos efeitos de sentido, a ver a inscrição do sujeito em outra FD, a partir de novas formações ideológicas. Logo, é o complexo das formações ideológicas que dominará o complexo das formações discursivas em que o sujeito se encontra inscrito e se (re)significa a partir do funcionamento do interdiscurso, como acabamos de analisar no discurso de Albert.

O silêncio da morte: o fim do trânsito dos sentidos nas FD em albert

Minutos antes de sua morte, Nobbs tem um breve sonho, após ouvir a Helen chamar seu nome, tentando lhe acordar de um desmaio causado por uma pancada: ele visualiza uma aconchegante sala com lareira e a foto do casal na parede (ele e a Helen). Esse sonho, seguido de sua morte, pode trazer, como efeito de sentido, sua



identificação com a FD masculina e a concretização de seu grande ideal, que seria o de constituir sua família.

Albert morreu como um homem que lutou por um amor até então impossível, acreditando na possibilidade de uma vida conjugal feliz entre um marido que não era um homem biológico e sua esposa. Com a anulação do sujeito, por consequência de um óbito, observa-se a culminância do trânsito dos sentidos nas FDs em que Albert se encontrava inscrito e que o levavam aos processos de des/contra/identificação, restando a afirmação de que a última identificação do sujeito de seu discurso foi com uma FD masculina na posição-sujeito de um homem com identidade de gênero transmasculina. Vejamos o quadro-resumo das posições-sujeito do mordomo em sua relação com as modalidades de funcionamento das FDs masculina e feminina:

Quadro-resumo 1: Relação entre as posições-sujeito e as FDs

Posição-sujeito (PS)	FD masculina	FD feminina
PS1: Homem trabalhador	Primeiramente desidentificado por se sentir disfarçado apenas para garantir um emprego e proteção. Posteriormente identificado por anular a forma-sujeito feminina de seu discurso.	Primeiramente contraidentificado por ser tratar de um disfarce, mas que também lhe significa ao longo do tempo. Posteriormente desidentificado quando se coloca como pertencente ao gênero masculino mesmo quando está sozinho.
PS2: Homens vestindo roupas femininas,	Primeiramente contraidentificado quando corre na praia. Posteriormente identificado ao se afirmar como Albert e sentir desconforto com as roupas.	Primeiramente contraidentificado quando corre na praia. Posteriormente desidentificado ao constatar que o universo feminino não mais lhe significa.
PS3: Marido dedicado à família	Identificado	Desidentificado
PS4: Homem cortejando a jovem	Identificado	Desidentificado

Fonte: elaboração própria

A partir desse quadro-resumo e das análises anteriormente desenvolvidas, pode-se inferir que, na inscrição em uma mesma formação discursiva, pode haver diferentes posições-sujeito, o qual, no processo de subjetivação do indivíduo,



pode ser atravessado e simultaneamente identificado, contraidentificado ou, ainda, desidentificado em relação a uma FD, a depender da posição-sujeito que ocupar em determinadas condições de produção do discurso. Isso é possível, como atesta Indursky (2011), por serem porosas as fronteiras das FDs, como afirma Orlandi (2015: 42), por serem, ainda, heterogêneas num contínuo processo de ressignificação. Com isso, acredita-se que esse movimento só se encerra quando ocorre a anulação do sujeito por meio de um óbito e do conseqüente cessar do atravessamento ideológico.

Considerações finais

A análise do funcionamento das FDs que atravessam o sujeito Albert Nobbs sugere que a constituição de sua identidade transexual engloba um verdadeiro fluxo e instabilidade das matrizes de sentidos nessas FDs, quando se consideram as condições de produção do discurso no corpo, na adoção de um nome social e vestimentas. Cada um desses elementos produz efeitos de sentido, por serem portadores de discursividade e, junto com o discurso falado, via memória discursiva, constituem uma rede de memórias em torno do que é ser/se tornar um homem transexual.

Uma análise desatenta e parcial do filme poderia sugerir que a personagem Albert e seu amigo de cena, o Sr. Page, também em uma aparente posição de transexual, inscrevem-se em uma posição-sujeito masculina através da adoção de nomes, vestimentas masculinas e de um intradiscorso baseado no gênero masculino, apenas com o objetivo de serem aceitos pela sociedade, já que, como mulheres, não conseguiriam trabalho e seriam mais vulneráveis à violência.

Sob a ótica discursiva, pode-se vislumbrar um movimento nas formações discursivas que ocorre na relação corpo, nome social adotado, discurso e vestimentas, de modo que Albert tem sua identidade constituída pelo atravessamento de diferentes FDs, que ora o identificam ora o contra/desidentificam com a condição de sujeito transexual. Observa-se também, a partir desses elementos, o modo como diferentes materialidades discursivas podem produzir efeitos de sentido na (res) significação da identidade de sujeitos transexuais, como Albert.

No atravessamento por várias FDs, o silêncio constitutivo do discurso de Albert sugere que a construção das identidades não segue um fluxo contínuo, linear e estabilizado, já que as fronteiras das FDs são porosas e instáveis, podendo o



sujeito ocupar diferentes posições a ver a FD que domina seu interdiscurso e, ainda, irromper em novas discursividades e, conseqüentemente, em novas identidades.

Logo, antes de ser um produto do meio social, Albert é sujeito de um discurso de construção de uma identidade transexual que, *a priori*, precisou se colocar na posição-sujeito de homem trabalhador para sobreviver. Enfim, dadas as circunstâncias em que se apaixona por uma mulher, a ver sua subjetivação como homem, inscrito em uma FD que o identificava com o gênero masculino, comportou-se como tal até os últimos instantes de sua vida, esquecendo-se até do nome feminino que um dia lhe fora dado em seu nascimento.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 13.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, 288 p.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011, p.67-89.

MARIANI, Betânia. MAGALHÃES, Belmira. Lacan. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. (Org.). **Estudos do discurso: perspectivas teóricas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p.101-121.

NOBBS, ALBERT. Direção de Rodrigo García. Produção de Alan Moloney. Roteiro de Glenn Close e John Banville. Interpretação de Aaron Taylor-Johnson, Glenn Close, Janet McTeer, Mia Wasikowska e Brendan Gleeson. [S.1.]: ChrysalisFilms, 2011. 1 DVD (113min), trilingue: inglês, espanhol e português.

NORA, Pierre. **Leslieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004, 160 p.

_____. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, 184 p.

_____. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos**. 12.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, 98 p.



_____. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia.** 3.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016, 239 p.

PÊCHEUX, Michel. [1988]. **Semântica e Discurso.** Uma crítica à afirmação do óbvio. 5.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2014, 288 p.

_____. [1988]. **O Discurso: Estrutura ou acontecimento.** Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 7.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, 66 p.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Discurso, identidade e a fabricação. In: CORACINI, Maria José; GHIRALDELO, Claudete Moreno. (Orgs.). **Nas malhas do discurso: Memória, imaginário e subjetividade.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p.89-107.

